



Antônio Spina França Netto

Neurologia brasileira dá adeus a um de seus maiores expoentes

Dr. Spina França deixa rico e numeroso legado para especialistas de diferentes gerações

Na segunda-feira nublada e preguiçosa de 17 de maio, a Praça Amadeu Amaral amanheceu diferente. Entre passos apressados, tipicamente paulistanos, talvez não fosse possível perceber. Eram os mesmos prédios, as mesmas árvores, o

ininterrupto ir e vir de carros e motos. Na ocasião, contudo, calou-se uma das mais importantes vozes da Neurologia brasileira, a do Dr. Antonio Spina França Netto. Figura otimista e carismática que, durante décadas, andou sob as frondosas

árvores da citada praça na direção do laboratório, referência em exames do líquido cefalorraquiano, que criou e que leva seu nome. Com o falecimento de Dr. Spina, como era conhecido, toda uma especialidade fica de luto em reverência ao mestre que, durante mais de cinquenta anos, dedicou seus dias a estudar e tratar as mais distintas patologias ligadas ao universo neurológico.

Natural do interior paulista, mais precisamente da cidade de Jaú, Dr. Spina França pode ter sua trajetória de vida narrada sob diferentes pontos de vista. Para alguns, um pai carinhoso; para outros, um grande amigo e companheiro de viagem ou, ainda, uma pessoa extremamente simples e incentivadora que despertava a atenção de todos a sua volta. Sua face mais conhecida, entretanto, não diz respeito ao modo como encarava a vida e tratava seus pares, mas ao extenso volume de informações que gerou, expandiu e propagou no Brasil e no mundo.

Primeiro residente de Neurologia clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Dr. Spina completou sua especialização em 1953 — mesmo ano em que publicou seu primeiro artigo completo relativo a uma infecção do sistema nervoso central, área em que acumularia, ao longo dos anos, recorrentes estudos e pesquisas. Paralelamente, deu início a uma série de diferentes pesquisas sobre líquido cefalorraquiano, muitas delas ao lado do neurologista e pesquisador Dr. Oswaldo Lange, seu mentor. Tamanho interesse e conhecimento sobre o tema culminariam, em 1977, na abertura do Laboratório Spina França, especializado em exames de líquido. À época, contudo, o foco do jovem neurologista ainda era a vida acadêmica, a graduação. Dessa vez, tratava-se da função de docente.

Seu papel de agregar pessoas e difundir conteúdo não se limitou às salas de aula. Em 1962, configurou-se como uma das pedras fundamentais da Academia Brasileira de Neurologia (ABN). A ideia amadurecida após a bem-sucedida criação da World Federation of Neurology (WFN) tornou-se realidade graças aos esforços conjuntos de: Dr. Lange, Dr. Paulino Watt Longo, Dr. Deolindo Couto e Dr. Paulo Pinto Pupo, além de outros especialistas.

No decênio seguinte, Dr. Spina França protagonizou um período de vigorosa valorização da ABN no cenário internacional. À frente da presidência da instituição com o Dr. Pupo, o neurologista foi responsável por levar à capital paulista o III Congresso Pan-Americano de Neurologia, no qual atuou como vice-presidente. No mesmo ano, a academia filiou-se à Associação Médica Brasileira e à World Federation of Neurology.

A partir de então, as relações do neurologista com as associações internacionais entraram em curva ascendente. Nos

anos que se seguiram, Dr. Spina França tornou-se membro efetivo da Academia de Ciências de Nova York, membro fundador do Grupo de Pesquisa em Líquido Cefalorraquiano da WFN e, em 1981, vice-presidente dessa instituição — função que desempenhou por seis anos —, além de participações em sociedades médicas de outras nações.

Foi, contudo, no ano de 1986 que Dr. Antonio Spina França descobriu uma das facetas pela qual é mais lembrado. Em decorrência do falecimento de seu mestre, Dr. Oswaldo Lange, o neurologista de Jaú assumiu a edição do periódico trimestral *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*. Sob o trabalho de suas mãos cuidadosas, somado ao empenho de colaboradores, a tradicional publicação ganhou novas dimensões físicas e seções, bem como cresceu em número de artigos publicados e, cada vez mais, em importância no cenário científico e técnico do Brasil e do exterior.

Ao longo de seus 83 anos de vida, 59 deles dedicados à medicina, tem-se da pessoa e do profissional Antonio Spina França Netto: uma graduação, um casamento, quatro filhos, cinco profissões (ao menos), seis idiomas, onze netos, participação em 17 sociedades médicas, 20 prêmios e homenagens, 83 capítulos de livros publicados, 177 participações em eventos, 270 artigos publicados, centenas de amigos e admiradores saudosos, além de milhares de pacientes diagnosticados, tratados e agradecidos.

Texto redigido pela Trixe Comunicação Empresarial, a partir de depoimentos cedidos por amigos, profissionais da área e admiradores inveterados do Dr. Spina França

O Vice-Presidente da República

M. I. Rollemberg

Nos anos 1970 ainda não havia uma entidade que congregasse os cirurgiões de tórax, nem no Estado, nem no País. O tratamento cirúrgico da tuberculose pulmonar havia sofrido um decréscimo quase total ante as novas drogas, as quais permitiram virar a página no livro da história da doença. Restavam, porém, as outras doenças torácicas, de alta morbidade, para as quais a única alternativa era o tratamento operatório. A própria sociedade de tuberculose já não conseguia manter-se sozinha e, assim, em 1976, no congresso de Salvador, fundiu-se à sociedade de pneumologia, o que resultou na Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia.

Nessa ocasião, tentamos, com cirurgiões de todos os rincões brasileiros, organizar a sociedade de cirurgia torácica; contudo, os esforços foram infrutíferos. Enfim, no ano de 1979, com os doutores Gladstone Machado, Rubens Monteiro de Arruda, Costabile Galucci e demais cirurgiões paulistas, organizamos o Primeiro Encontro Nacional de Cirurgia Torácica no Hospital Miguel Pereira, centro de excelência para o tratamento cirúrgico da tuberculose em todas modalidades, no Complexo Hospitalar do Mandaqui. O evento foi um sucesso, com o comparecimento dos cirurgiões de proa de todo o Brasil, bem como representou o sinal para que nos aventurássemos a voos mais audazes. Comparecemos, assim, ao II Congresso da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia na cidade de Fortaleza, ao qual estava agora afeto o Departamento de Cirurgia Torácica, recém-criado, para pleitearmos sua direção a ser decidida em eleições durante aquele conclave, trazendo para São Paulo, em 1981, o então Congresso Brasileiro de Cirurgia Torácica, que afinal teve seu desfecho em uma jornada épica na qual foram realizados os primeiros concursos para obtenção do título de especialista, com o comparecimento maciço dos cirurgiões de todo o território brasileiro. Vários dos aprovados ocupam hoje os cargos de professores titulares das respectivas cadeiras nas mais destacadas faculdades de medicina do País, e a maioria dos professores catedráticos da ocasião, devido à lei inflexível do destino, já se dirigiu ao Oriente Eterno. Aquele congresso ficou definitivamente gravado nos anais, tão inesquecível que os remanescentes não se cansam de lembrar.

Cumprir citar, ainda, um fato transcendental, impossível de ser esquecido, que ocorreu após o final do congresso de Fortaleza. Estávamos em pleno regime militar, inclusive o governador do Ceará era o coronel da reserva, Virgílio Távora, de família tradicional cearense, sobrinho do general Juarez Távora, participante da célebre Coluna Prestes e chamado, após a revolução vitoriosa de 1930, de “vice-rei do Nordeste”.

A recepção aos congressistas foi realizada nos jardins do Palácio do Governo, com a participação do próprio governador, que muito amavelmente entrou em contato com todos os congressistas. No meio da conversa, relatou um fato pitoresco e inesperado acontecido recentemente no Ceará. Um fazendeiro, seu amigo, encomendou a abertura de um poço artesiano em sua fazenda e, em vez de água, achou petróleo, ao que o governador contava rindo da desdita do amigo, pois, por lei federal, o “solo” pertence à União. Ao contrário do governador, ouvi com cautela. Ora, se havia petróleo em “terra”, a uma profundidade de aproximadamente 120 metros — portanto, barato para extração —, aquilo deveria soar como um fato auspicioso, sobretudo porque vivíamos uma época difícil em virtude da grande crise do petróleo, ocasião em que a OPEP havia aproveitado para subir seus preços à estratosfera, deixando nosso país em uma situação delicada. No entanto, a conversa parou ali.

Ao fim do congresso, no sábado, como estávamos o tempo todo ocupados com as *démarches*, não tive a oportunidade de conhecer as belezas da cidade. Então, o Dr. Gladstone, que a conhecia em detalhes desde seus tempos de bancos acadêmicos, dos quais nos brindou com crônicas pitorescas e saborosas, fez questão de ciceroniar-me aos pontos mais característicos. Na famosa Praça do Ferreira, em que a estudantada se reunia em tempos pretéritos, mostrou-me uma “cachacaria”, um enorme barracão com todos os tipos possíveis de aguardente. Segundo me disse: “após a segunda talagada, todas se equivalem!”.

Por sua vez, os jornais da manhã de sábado anunciavam a chegada do Vice-Presidente da República, o civil e político mineiro Aureliano Chaves, que, além deste, acumulava o cargo de Ministro de Minas e Energia. Imaginávamos que

estivesse ali por motivos óbvios, pois nesta época discutia-se muito os caminhos do País quanto ao aspecto energético.

Fomos, em seguida, à Ectetur, uma antiga cadeia pública, desativada e transformada em *shopping*, com pequenas lojas ocupando as antigas celas. Seu estilo era peculiar, pois as celas formavam um círculo; havia também uma praça central, que dispunha de um belo jardim florido. Àquela hora da manhã estava “às moscas”, à nossa disposição. Estávamos de chinelo, *shorts*, em vez dos trajes formais do congresso, ante a canícula do litoral, amenizada por uma brisa contínua. Foi então que, de súbito e apressadamente, como era seu estilo, apareceu o Vice-Presidente, trajando um terno pesado de casimira, engravatado, deixando a comitiva alguns passos atrás. Ao vê-lo, dissemos com entusiasmo: “Olá, senhor Vice-Presidente!”. Imediatamente, ele dirigiu-se até nós, enquanto o resto da comitiva, inclusive o Governador, ficou escondida atrás de uma pilastra, da qual nos olhavam de soslaio. Conversamos animadamente com o Dr. Aureliano, que se mostrou uma pessoa simples, amável, desprezenciosa até, ao conversar com dois estranhos — pelo seu faro político, deveria ter desconfiado daqueles forasteiros. Trocamos ideias sobre o que havíamos ouvido, afirmando nossos desejos pela tão almejada independência energética, ao que nos explicou suas dificuldades para vencer a burocracia imperante, mas esperançoso de uma solução satisfatória. Foi preciso que nós nos despedíssemos, pois o político parecia querer continuar com o papo. Ficamos com a ideia de que poderia estar em suas mãos a solução possível para a passagem à governança civil, tão ardentemente desejada. De modo lamentável, os fados foram outros. Houve um desentendimento sério e o Dr. Aureliano teve de deixar o governo, tendo sido, posteriormente, um dos artífices da candidatura de Tancredo Neves.

M. I. Rollemberg
Médico Cirurgião

A cachaça

Antonio Amadi

Apesar dos estigmas que carrega,
De ser pivô de tantas desventuras,
Alegra – moderada – as criaturas,
No frio aquece e ao desprazer é cega.

Nela o apetite contumaz se apega
E faz, de coisas simples, gostosuras...
Acalma no labor e nas agruras
Do guatambu, do sol e da macega.

Quanta mágoa afogou dos infelizes,
Na teimosa pobreza que os rodeia
E nas constantes dores da desgraça.

Possui de mil virtudes as matizes
E, embora de defeitos ainda cheia,
O champanhe do pobre és tu, cachaça!



Disponível em: <<http://www.papodebar.com/dia-mundial-da-cachaça>>.



O xale de Tonquim

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

A manhã estava como todas as outras, ou melhor, igual àquelas que começam cedo e as horas passam comodamente até o início da tarde. O doutorzinho se aproximava do hospital, dirigindo o seu Anglia 1950, quando resolveu oferecer carona a Ernesto. Em verdade, nessa terceira vez não poderia fingir que não o estava vendo — bem na frente da fila de ônibus!

— Oh, Ernesto, terei prazer em levá-lo até o ponto de bonde mais próximo, se é que você vai para a cidade...

— Ótimo! Há quanto tempo não nos víamos...

— É mesmo, anos talvez...

— E hoje você é um pleno doutor! Mas... Posso tratá-lo por você, não é?

— Claro, somos velhos conhecidos...

Com tal abertura, Ernesto tratou de demonstrar a sua importância de origem dramaturgica (Oscar Wilde, 1854-1900):

— Estou indo para os *States*, o que você quer de lá?

— De fato, eu preciso de um atlas científico recém-publicado, haverá tempo para providenciar os dólares?

— Não se preocupe, eu tenho livre trânsito no Palácio e estou levando boa quantia suficiente para tudo. Dê-me a indicação, oportunamente acertaremos...

— Excelente. Logo lhe telefonarei para detalhar título e editora. Ok? Oportunamente acertaremos.

— Ok.

A troca de “ok”, com dicção perfeita, demonstrou que ambos estavam aptos a superar qualquer exame de suficiência do idioma dos americanos e, portanto, seria praticamente impossível surgir erros tanto no uso dos dólares como na compra do referido atlas — na Barney’s da Quinta Avenida.

Esgotaram-se numerosos dias, incluindo, forçosamente, algumas semanas. Assim, para prosseguir esta narrativa, Ernesto chegou.

— Doutor, trouxe a sua encomenda! Venha à noite ao meu apartamento. Ok?

— Ok. Irei correndo (força de expressão, pois naquele tempo ainda não se praticava *cooper*).

Essa nova troca de “ok” comprovava que o silogismo ora formulado, com premissas perfeitas, implicou uma dedução perfeita, e igualmente acertada seria a respectiva conclusão!

Todavia, findo o expediente habitual, o doutor permaneceu no consultório ainda por quase três horas, dados dois motivos que merecem ser conhecidos: primeiro, porque era bem elegante sair tarde pela Rua Marconi, como faziam os lumináres da medicina contemporânea; segundo, porque não seria distinto, em plena hora de jantar, ir ao apartamento do seu benfeitor (em seu coração já palpitava extrema gratidão!).

Às 21 horas e três-quartos, o Doutor, atravessando o silêncio opaco da Rua do Arouche, adentrava no salão nobre do seu benévolo anfitrião (como se percebe, o reconhecimento de benefício por mais de 3 horas batia o recorde universal), no qual foi recebido com a cortesia própria das pessoas gentis:

— Deseja um uísque, um licor, um café, uma limonada...?

— Não, obrigado (elogiável espírito patriótico em economizar água), apenas anseio pelo meu atlas (prurido bibliomaniaco).

— Aqui está ele, proclamou Ernesto, entregando dois pacotes!

Como era de se esperar, o segundo deles continha um magnífico xale de Tonquim, comprado com o sacrifício de uns dólares que poderiam ser usados em benefício próprio (significativa renúncia a bens materiais), expressamente para presentear a esposa do amigo de longa data e renomado especialista (prestígio em ascensão).

O Doutor mal olhou para o xale; porém, ao ver o atlas, só não chorou de alegria por razão expressamente profissional — de nunca demonstrar suas emoções íntimas. Assim, como se estivesse murmurando piedosa oração, perguntou:

— Quanto lhe devo?

— Uns mínimos dólares — disse Ernesto e, de imediato, à semelhança daqueles que recitam um poema épico, proferiu o resultado da conversão cambial realizada mentalmente e a lápis, mas cujo montante, em moeda nacional, foi muito superior ao adrede calculado.

Pausa. Estupefação!

Isso constituiu um choque violento para o Doutor — o qual seria o maior de sua vida, não fosse uma tremenda descarga que tomou no chuveiro elétrico quando morava em uma pensão do Bixiga. Contudo, mesmo tão chocado, sem perder a dignidade, ele preencheu o cheque devido.

Passou-se aproximadamente uma hora. Sem saber como, chegou em casa e, esportivamente (há quem duvide!),

entregou o presente à Dona Felícia — nome da esposa, inconfidência momentânea somente para combinar com a suprema felicidade que ela exibiu ao se deparar com o xale —, bordado em seda chinesa por 30 dedos amarelinhos pertencentes a duas japonesas e a uma finlandesa portadora de icterícia.

Ocorreu, entretanto, que o Doutor passou a noite recalculando as perdas, como se pertencesse ao elenco de *A Noite dos Desesperados*. Assim, pela primeira vez, um atlas entrava na briga *por um punhado de dólares* (a modernidade impõe erudição em cinema tanto quanto em aramaico). Em seguida, esgotando seus dotes detetivescos, descobriu rasura no preço estampado na sobrecapa do atlas, fenômeno visual que o convenceu ter sido lesado — justamente quando o relógio acusava 7 horas.

Do outro lado da linha telefônica, às 7 horas e 3 minutos, Ernesto justificava: “eu gastei dois dólares em um telegrama para encomendar o seu livro...”.

Nada feito. Por fim, depois de desperdiçarem impulsos suficientes para pagar nova viagem aos *States*, julgaram por bem acertar as devoluções, concordes com o veredicto de vários matemáticos consultados, que rezava: “a encomenda se afigurara um bom negócio para o segundo e, em compensação, um mau negócio para o primeiro, cuja soma algébrica prova que ela valia zero”.

Às 21 horas, o aflito doutor, ainda na porta do apartamento do desapontado Ernesto, desfazia o negócio. Entretanto, é bom notar que tudo redundou em: 1) declínio de prestígio, pois a palavra “doutor” começou a ser grafada e pronunciada com *d* minúsculo; 2) o sentimento — gratidão — acabou como termina uma fita de cinema italiano — *Fine*; 3) restos de alguma cortesia:

— Desculpe...

— Não foi nada...

— Porém...

— Porém?

— Porém, doutor, você precisa me devolver o xale de Tonquim...

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul
Professor de Medicina e Escritor

Afiz Sadi

um lutador intemerato (1924-2010)

Preiteando gratidão, dirijo-me em pensamento, reverentemente, ao saudoso professor Afiz Sadi e, em digressões aos tempos já vividos, retrocedo quase quarenta anos para recordar o mestre de Urologia da Faculdade de Ciências Médicas de Santos, em cuja escola me formei.

Afiz, entre todos os professores de Medicina, era o que mais se destacava, já pelos altos valores humanistas, bem como pelas lutas sem quartéis em prol do melhor para seus alunos e para aquela então novel faculdade. Lembro-me de suas grandes porfias sem descanso na mais antiga Santa Casa de Misericórdia do Brasil, a de Santos (em cuja catedral, como internos, iniciávamo-nos na *ars curandí*), de suas vitórias sobre o rabugento Senhor Doutor Provedor, de suas lutas em defesa dos princípios do bom ensino, das duras conquistas, a citar o adágio *per aspera ad astra*, por ínvias, ásperas trilhas, rumo aos sempiternos valores da existência.

E a vida prosseguiu, unindo este aluno àquele mestre, escritor, poeta de altíssimo gabarito, colaborador assíduo deste Suplemento Cultural que, como homenagem ao ilustre médico, publica o inédito poema que segue, escrito poucos meses antes do passamento.

Saudade

Caminhando pela trilha
de uma tortuosa via
ao lado de um roseiral
olhei a mulher esbelta
catando sua agonia.
Os pássaros que gorjeavam
emudeceram seu canto.
Olhos tristes marejavam,
gotas drenavam nas faces
denunciando uma saudade
infinita e sonhadora
no canto da sua agonia.

Afiz Sadi



Afiz Sadi

Além disso, fez parte da diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, contribuindo para que tudo pudesse fluir bem. Combativo até o último dia, lutador intemerato, sempre foi mestre de reações prontas e vivazes, próprias de temperamentos fortes e enérgicos.

Agora repousa para sempre o batalhador. Assim, diretores e membros da Academia de Medicina de São Paulo, por meio deste singelo artigo, rendemos-lhe, Afiz Sadi, um último tributo de gratidão.

Guido Arturo Palomba
Ex-aluno de Afiz Sadi

Analogias em Medicina (n. 26)

Buraco no buraco e dólar de prata — A histiocitose X ou histiocitose de células de Langerhans é doença incomum e resulta da proliferação considerada neoplásica dessas células dendríticas e apresentadoras de antígenos. O patologista alemão Paul Langerhans (1847-1888), que também descreveu as ilhotas do pâncreas, foi o descobridor dessas células na epiderme quando ainda era estudante de medicina, em 1868 (*Langerhans, P. Über die nerven der menschlichen haut. Virch Arch Path Anat, 44, 325-337*). Sua citomorfologia é característica: citoplasma acidófilo e núcleo em geral lobulado, endentado, semelhante a um grão de café, às vezes com um sulco longitudinal (ing. *groove*). São CD1a e proteína S-100 positivas. À microscopia eletrônica, apresentam uma organela específica denominada grânulo ou corpúsculo de Birbeck ou de Langerhans.

Vários órgãos podem ser acometidos nessa afecção; porém, a sua forma mais comum é a óssea, com comprometimento do crânio, mandíbula, fêmur etc. As lesões resultam da infiltração medular pelas células de Langerhans, que causam destruição do tecido ósseo, possivelmente pela excessiva produção de interleucina I e prostaglandina E2. No crânio, as lesões iniciais são bem demarcadas, do tipo *saca-bocado* (ing. *punched out*), sem esclerose. Embora o processo destrutivo tenha origem na díploe, progride e envolve uma ou ambas as tábuas ósseas, provocando um defeito translúcido, bem delimitado ou ligeiramente irregular. Algumas lesões, ocasionalmente, se agrupam e se sobrepõem. Nesses casos, as áreas sobrepostas de rarefação, por causa da destruição diferencial das duas tábuas ósseas, apresentam, à radiologia, um aspecto de *buraco no buraco*, isto é, zonas osteolíticas contíguas de maior e menor intensidade (ing. *hole within a hole appearance*). Em casos mais avançados, a destruição craniana pode atingir tamanho considerável e mostrar contornos serpiginosos, semelhantes a um mapa geográfico (*crânio geográfico*). Outros aspectos são comparados pelos radiologistas a uma rosquinha ou um biscoito frito (ing. *doughnut*).

Na mandíbula, a histiocitose X causa também destruição óssea significativa, às vezes sem reação osteoesclerótica, podendo o tecido ósseo desaparecer ao redor de um ou mais dentes, de modo que eles parecem estar suspensos no espaço: são os dentes flutuantes (ing. *floating teeth*). Nos ossos longos, a neoformação óssea reacional a partir do periosteio pode produzir o aspecto lamelar em *bulbo de cebola*, simulando o quadro radiológico do sarcoma de Ewing/PNET.

Na coluna vertebral ocorre destruição do corpo da vértebra, levando a um colapso total e uniforme deste, de modo que ele se torna delgado e achatado, semelhante a uma bolacha, hóstia, obreia (ing. *wafel-like*) ou, ainda, ao perfil de um *dólar de prata*, ao estudo radiológico. Esse quadro é também referido como vértebra plana ou de Calvé, que, em crianças e adolescentes, resulta de granuloma eosinofílico, isto é, a forma benigna e localizada da histiocitose de Langerhans.

O estudo ultraestrutural das células de Langerhans revela os grânulos ou corpúsculos de Birbeck: inclusões citoplasmáticas exclusivas — descobertas por Birbeck et al. — que parecem originar-se de invaginações da membrana celular, talvez resultantes do “desafio antigênico”. Têm forma de bastão com membrana pentalaminar e com estriações periódicas, semelhantes àquelas de um fecho eclair ou zíper (ing. *a zipper-like substructure*). Em conjunto com a dilatação terminal globosa de uma das extremidades do corpúsculo, o aspecto é de uma *raquete de tênis*.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira e Arary da Cruz Tiriba

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.